

## ÉTICA E DESPORTO PROFISSIONAL. CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA PERSPECTIVA FILOSÓFICA DE SÍLVIO LIMA

---

JOÃO TIAGO LIMA\*

### I

Nos últimos anos da década de trinta do século passado, Sílvio Lima, professor de filosofia na Faculdade Letras da Universidade de Coimbra, escreveu, de modo que parecerá hoje algo inesperado – sobretudo se atendermos a que, naquele tempo, eram escassas as investigações académicas centradas no desporto como fenómeno social<sup>1</sup> –, três livros que agora poderemos considerar, sem grande esforço, como fazendo parte do domínio da filosofia do desporto<sup>2</sup>. Esses ensaios, que congregam contribuições da ética, da sociologia, da ciência política e até da estética, são hoje ainda de leitura bastante útil, sendo essa uma das razões pelas quais Sílvio Lima é, quase unanimemente, considerado o maior pensador português do desporto da primeira metade do século XX. Por exemplo, em *Desportismo Profissional*, Sílvio Lima, entre outras teses de que nos iremos também ocupar, aponta o profissionalismo como um mal que fere de morte a essência do desporto, consubstanciada no conceito de *fair-play*. É curioso que esta posição de Sílvio Lima não é totalmente coincidente, por exemplo,

---

\* Universidade de Évora.

<sup>1</sup> Na introdução a *Desportismo Profissional* (1939), Sílvio Lima escreve: «Em Portugal, o desporto tem sido presa de sólidos estudos médico-higiénicos. Faltava analisá-lo “filosoficamente”, integrando-o dentro da linha geral do viver humano. Foi o que fiz, ou julgo tê-lo feito», LIMA, Sílvio, *Obras Completas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, vol. II, p. 1063.

<sup>2</sup> Sobre a especificidade da abordagem realizada pela filosofia do desporto, cf. LACERDA, Teresa; LIMA, João Tiago: «Philosophy and Sport – Two sides of the Human Condition», *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, vol. 12, Suplemento, Porto, 2012, p. 13.

com a defendida, na mesma época, por Pierre de Coubertin que advogava a participação de atletas profissionais nos Jogos Olímpicos.

E hoje? Será que, tal como defendia o professor de Coimbra, o desporto de alto rendimento, profissional ou não, é incompatível com a ética desportiva? Por outras palavras, será que a profissionalização do desporto implica necessariamente a extinção de todas as suas virtudes éticas e educativas?

## II

Habitualmente considerado bastante próximo do racionalismo filosófico de António Sérgio, ensaísta cujas qualidades sempre louvou<sup>3</sup>, Sílvio Lima (1904-1993) publica entre 1937 e 1939 três volumes dedicados ao desporto, a saber: *Ensaio sobre o Desporto* (1937), *Desporto, Jogo e Arte* (1938) e *Desportismo Profissional – Desporto, Trabalho e Profissão* (1939). Trata-se, como dissemos, de uma prática rara, esta a de um professor universitário da área da filosofia editar um conjunto tão significativo de textos dedicados ao desporto. Mormente em Portugal, onde o mundo universitário e o mundo desportivo viveram durante muitas décadas num ambiente de quase recíproco desconhecimento, situação apenas ultrapassada (embora talvez ainda não por completo) com a criação, já após o 25 de Abril de 1974, de licenciaturas e outros cursos em educação física, motricidade humana e desporto no ensino superior português. Ora, a verdade é que, do nosso ponto de vista, a *filosofia do desporto* de Sílvio Lima apresenta diversos aspectos profundamente originais e estimulantes, quer à luz do que, nos anos trinta do século passado, se publicava na Europa sobre o tema, quer sobretudo se atendermos ao que, desde então até aos nossos dias, se escreveu em Portugal no âmbito do que podemos genericamente designar reflexão filosófica sobre o Desporto.

Da análise de todos os elementos constantes nos textos de Sílvio Lima dedicados ao desporto, e cuja extensão e riqueza seriam impossíveis de recensear nos limites deste estudo, importa, quanto a nós, destacar três teses principais, a saber<sup>4</sup>:

<sup>3</sup> «Em nosso juízo, é António Sérgio quem, no panorama nacional, mais fina e profundamente encarna, prática e apostoliza a atitude ensaística», LIMA, Sílvio, *Obras Completas, op. cit.*, p. 1381.

<sup>4</sup> Apresentamos aqui alguns aspectos que, com outro desenvolvimento, já constam da análise que fazemos do pensamento desportivo de Sílvio Lima em LIMA, João Tiago Pedroso de, *O Fogo do*

- 1) O desporto é, nuclearmente, *soberania do espírito*.
- 2) O desporto é a negação total da guerra.
- 3) O desportismo profissional representa a negação intrínseca e a ruína do próprio desporto.

Mesmo se a nossa atenção vai incidir sobretudo na terceira tese, começaremos por explicitar, de uma forma necessariamente breve, alguns traços e algumas implicações decorrentes das duas teses anteriores. Segundo Sílvio Lima, «o desporto é, nuclearmente, *espírito, soberania do espírito* (não há autêntico desporto sem ascese) e pretende criar, não o perfeito animal, mas o perfeito *cidadão*, exemplar harmonioso de formosura moral e física»<sup>5</sup>. Daí decorre uma consequência inescapável: porque se trata de uma actividade essencialmente espiritual, «não há autêntico desporto sem ascese». Que entende Sílvio Lima por ascese? Remetendo para a matriz clássica do conceito, o filósofo explica: a ascese é «exercício, esforço, tensão. Ascese vem do grego *askesis* e askesis de *askein*, exercitar-se, combater. A designação de asceta era aplicada, na antiguidade helénico-romana, a todo o varão que se exercitava, se adestrava, se preparava para os jogos do estádio ou os labores da vida militar. Asceta significava *atleta* (de *athlos*, combate). A ascese representava o treino; a ascética era, afinal, a *ars athletica*, a *agonística*. Pois bem, o atletismo pressupunha, como condição ‘sine qua non’, um regime especial, uma *disciplina* psíco-física; a essa disciplina (verdadeira higiene) chama-se a ascese»<sup>6</sup>. Sublinhe-se que esta ascese ou endurecimento<sup>7</sup> não é apenas de ordem psíco-física. De facto, sendo o desporto essencialmente uma actividade *com alma*, uma actividade de natureza espiritual, a ascese desportiva comporta, inevi-

*Espírito – Desporto, Olimpismo e Ética*, Lisboa, Academia Olímpica de Portugal, 2007, pp. 23-32 e 41-53. Sobre a concepção do desporto em Sílvio Lima, cf. também ARCHER, Paulo, «Uma Filosofia do Corpo – Desporto, Antropologia do Movimento», *Sílvio Lima um místico da razão crítica (Da incondicionalidade do amor intellectualis)*, Coimbra, Dissertação de Doutoramento na área de História Contemporânea, especialidade de História da Cultura, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 464-493; FALCÃO, Pedro, «Reflexões de Sílvio Lima sobre o desporto», LIMA, Sílvio: *Sílvio Lima e o Desporto*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2010, pp. 13-86 e LEONE, Carlos, *O essencial sobre Sílvio Lima*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, pp. 46-50.

<sup>5</sup> LIMA, Sílvio, *Obras Completas*, op. cit., p. 973.

<sup>6</sup> *Ibidem*, pp. 1039-1040.

<sup>7</sup> Não sendo rigorosamente sinónimos, os conceitos de ascese e de endurecimento apresentam, na filosofia do desporto de Sílvio Lima, uma significação bastante aproximada. Cf. LIMA, Sílvio, *Sílvio Lima e o Desporto*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2010, pp. 152-154

tavelmente, uma dimensão moral: daí que encontremos no coração do desporto «uma virtude, uma ascese, uma *disciplina ética*»<sup>8</sup> que se concretiza no *fair-play*.

Por outro lado, para Sílvio Lima, o desporto, na justa medida em que promove o *fair-play*, representa a negação total da guerra. Na verdade, a expressão inglesa do *fair-play* compreende quatro dimensões: 1) *Fidelidade* ou *respeito* pelas regras; 2) *Apagamento* do indivíduo perante o grupo e do grupo perante o Jogo. 3) *Colaboração* perante o adversário: o antagonista deve ser visto como colaborador, não como inimigo, no sentido em que, se ele não existisse, era a existência do próprio jogo que seria posta em causa. 4) *Esforço volitivo permanente*.

Acabámos de destacar que, de acordo com Sílvio Lima, o *fair-play* encerra em si mesmo a ideia de que o adversário é um *colaborador antagonista*. Esta ideia é bastante importante para ver que o desporto, mais do que ser um instrumento de guerra ou um aliado da violência é, antes de tudo, um modo de fomentar o *pacifismo*, aspecto que, importa recordar, está igualmente bem presente na doutrina de Coubertin, o fundador do movimento olímpico moderno. Com efeito, Sílvio Lima preocupa-se em desconstruir o preconceito que associa a actividade desportiva à actividade bélica, declarando: «[a] guerra *jamaís* pode ser um desporto. Porquê? (...) Em primeiro lugar: o desporto *respeita* a vida. A morte nada tem a ver com a essência do desporto; pelo contrário, a morte – provocada na pessoa de outrem – anula o desporto. Decerto. A morte pode resultar, como acidente inevitável ou como descuido imperdoável, da prática do desporto. (...) Em segundo lugar: o desporto (...) pressupõe a *igualdade* dos jogadores»<sup>9</sup>. Ora, não é fácil imaginar uma força militar agressora empenhada em fornecer armamento às hostes inimigas, com o objectivo de realizar uma batalha com armas idênticas. E isto basta para elucidar como são fundamentalmente diferentes as duas actividades, apesar de, muitas vezes, empregarem uma linguagem com elementos comuns<sup>10</sup>.

<sup>8</sup> LIMA, Sílvio, *Obras Completas*, op. cit., p. 1039.

<sup>9</sup> *Ibidem*, pp. 1024-1026.

<sup>10</sup> Sublinhando a dimensão simbólica do jogo – e é conveniente sublinhar que o desporto é, no entender de Sílvio Lima, apenas uma das modalidades do jogo – o autor escreve: «O mundo do jogo é (...) o paraíso encantador do *como se*, do *façamos de conta que*. A criança actua em face do brinquedo como se este fosse na verdade... o que ela, afinal, quer: avião, castelo, espada, túnel. Joga com o companheiro como se este fosse alfaiate, polícia, maquinista, etc. Da mesma forma: o alpinista «ataca» a montanha como se esta fosse um «inimigo», uma «fortaleza» a escalar; o

A ideia de que o desporto requer uma situação de igualdade entre os jogadores é particularmente fecunda. Aí se alicerça, afinal, uma das vocações mais relevantes do desporto no domínio da *pedagogia política*, ou seja, a ideia de que *o desporto constitui uma escola de sã democracia*. No fundo, é esse *esforço volitivo permanente* que confere ao desporto o seu papel modelar no âmbito de uma perspectiva educativa. De facto, o desporto é – ou, pelo menos, deveria ser – o exemplo de uma actividade radicalmente democrática, onde vigora o ideal da *igualdade de oportunidades*. Se o desporto possui, no entender de Sílvio Lima, uma vocação *demopédica*<sup>11</sup> que, por isso mesmo, necessita de ser acarinhada e desenvolvida, por outro lado, a extraordinária disseminação da actividade desportiva na época contemporânea traz consigo um conjunto de vícios ou perigos a que o autor de *Ensaio sobre a essência do ensaio* não deixa de se referir, dedicando ao assunto páginas que merecem uma atenta revisitação. É o caso da profissionalização do desporto – que, por sua vez, é indissociável da transformação deste em espectáculo – e a que dedicaremos seguidamente a nossa atenção.

### III

Uma das principais teses de Sílvio Lima acerca do desporto tem a ver com o que julga ser o seu intrínseco valor económico. Assim, e ao contrário do que se poderia e pôde pensar (como foi nomeadamente o caso de Gregório Marañón), não é pelo facto de o desporto – ao contrário do que sucede com o trabalho – não ser uma agente de produção material, que se pode inferir a sua esterilidade económica. Tendo o desporto como «característica medular (...) [o] seu aspecto intrinsecamente, directamente *apecuniário*»<sup>12</sup>, dele não

---

adversário no futebol é um «inimigo» a vencer», *Ibidem*, p. 1004. No entanto, é forçoso reconhecer que o desporto não pode eliminar a dimensão simbólica (ou seja, o *como se*) sob pena de se negar a si mesmo. E, por isso, Sílvio Lima recupera a noção de Konrad Lange de *auto-ilusão consciente* para definir a dimensão livremente simbólica do jogo.

<sup>11</sup> Recuperamos com o adjectivo demopédico a leitura que Manuel Patrício efectua do pensamento educativo de António Sérgio, autor que, como atrás dissemos, constitui referência incontornável para o ensaísmo de Sílvio Lima. «Disse Sérgio: «Democracia é demopedia, sustentava Proudhon: a democracia é a educação do povo». Ora a educação do povo é, para Sérgio, «o elemento fundamental de toda política democrática», PATRÍCIO, Manuel Ferreira, «A ética de António Sérgio», *Revista Portuguesa de Filosofia*, Tomo XLVIII, Fasc. 2, Braga, Abril de 1992, pp. 225.

<sup>12</sup> LIMA, Sílvio, *Obras Completas*, op. cit., p. 1068.

é, contudo, legítimo dizer-se que se trata de uma actividade inútil ou até pouco valiosa. Ao definir a actividade desportiva como autotélica, ou seja, como não visando um fim que a transcenda, Sílvio Lima situa o desporto no plano das superfluidades, conceito que distingue inequivocamente das actividades inúteis ou sem valor. Assim, define superfluidades como «realidades que *fluem sobre* o económico, que transbordam sobre o utilitário da vida»<sup>13</sup>. No entanto, as actividades supérfluas (e neste grupo, ao desporto acrescenta Sílvio Lima a arte e a ciência<sup>14</sup>) nem por isso deixam de apresentar importância económica. Vejamos como, analisando o modo como o filósofo elucida as relações entre trabalho e desporto.

Na medida em «o desporto deve ser sempre uma *pausa* entre dois trabalhos»<sup>15</sup> – diríamos, usando a terminologia de hoje, que o desporto consiste, neste contexto, uma espécie de *repouso activo* entre dois momentos laborais<sup>16</sup> –, «o desporto não é inimigo do trabalho; pode e deve associar-se com ele, numa apertada, fraterna, racional conexão e colaboração»<sup>17</sup>. Mais: é preciso dizer que essa íntima conexão tem uma natureza recíproca. Assim, se o desporto beneficia o trabalho<sup>18</sup>, por outro lado, «o desporto pressupõe certo *desafogo* económico, certo bem-estar físico, certo domínio agronómico do presente»<sup>19</sup>. Tal como sucede com quem escolheu dedicar-se à arte ou à ciência, o desportista carece de uma «certa *libertação económica* (...) que permita a aplicação da energia físico-mental a outras actividades que não as meramente biológicas»<sup>20</sup>. Ou seja:

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 1070.

<sup>14</sup> Julgamos mais proveitoso aproximar os conceitos de arte e desporto, pois entendemos que por vezes Sílvio Lima *romantiza* um pouco a sua concepção de ciência, nomeadamente quando distingue categoricamente entre ciência aplicada e ciência *pura* ou *desinteressada*. Por isso, iremos centrar a nossa atenção sobretudo nas relações que Sílvio Lima estabelece entre a actividade artística e a actividade desportiva.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 960.

<sup>16</sup> «O desporto deve ser sempre uma *pausa* entre dois trabalhos; pausa *recreativa* do primeiro trabalho e pausa *preparadora* do segundo trabalho. O significado transcendente do desporto reside no seguinte: em este realizar simultaneamente *duas espécies de objectivos*:

1.º – Dar satisfação a várias necessidades presentes, imediatas de repouso ou distensão do corpo e da alma (o repouso não pressupõe necessariamente a imobilidade);

2.º – Treinar o indivíduo, pelo desenvolvimento e manutenção de certas qualidades psico-físicas, para o futuro trabalho», *Ibidem*, p. 958.

<sup>17</sup> LIMA, Sílvio, *Sílvio Lima e o Desporto*, op. cit., p. 111.

<sup>18</sup> «O jogo serve de recreio ao trabalhador, de pausa, de evasão higiénica às duras necessidades e brutalidades da oficina», *Ibidem*.

<sup>19</sup> LIMA, Sílvio, *Obras Completas*, op. cit., p. 1069.

<sup>20</sup> *Ibidem*, p. 1070.

apenas porque dispõe de um determinado desafogo económico, poderá o desportista assumir o jogo como actividade intrinsecamente livre.

Em que consiste essa liberdade na prática do desporto? Desde logo, a própria «obediência às leis do jogo é consentida, é voluntária, é uma *autolimitação dentro da própria liberdade*»<sup>21</sup>. Pode o jogador recusar obedecer às regras do jogo que livremente escolheu jogar? Sem dúvida. Mas, quando tal sucede, é o próprio jogo que está irremediavelmente em causa. Como muito bem salienta Yves Vargas, a transgressão da lei não extingue, por si só, uma sociedade. Algo radicalmente diverso sucede com o desporto, que é fundado e garantido ontologicamente pelas suas regras<sup>22</sup>. Dito de outro modo, sem regras, não há desporto e, por isso, sem a aceitação livre dessas mesmas regras, não há desportista.

Insistamos neste ponto, pois ele nos parece essencial. Diz Sílvio Lima: «O tenista sabe que para jogar tem que respeitar certas regras; se não quer respeitá-las, não joga (quem o obriga a tal?)»<sup>23</sup>. Podemos ir ainda mais longe, retomando a tese de Vargas: se não quer respeitá-las, não há sequer jogo. Claro que as regras não são eternas, podendo sofrer alterações, no caso dos adversários (os justamente chamados *colaboradores antagonistas*) entenderem isso como benéfico para todos os intervenientes. Por isso, o desportista «pode, mediante o acordo dos outros jogadores, «revolucionar» as próprias regras. As regras do jogo não são dogmas traçados para a eternidade (...). São *leis*, por definição alteráveis, reformáveis, revogáveis»<sup>24</sup>. No entanto, se é possível (embora certamente não desejável), conceber uma sociedade sem leis, torna-se impossível haver desporto sem regras. Uma actividade física sem regras poderá ser até extremamente estimulante, prazenteira e valiosa, mas, de acordo com a perspectiva de Yves Vargas e implicitamente com as teses de Sílvio Lima, será sempre uma actividade distinta da prática do desporto.

É porque enfatiza esta dimensão de livre obediência do desportista às regras e, portanto, ao desporto que Sílvio Lima pretende destrinçar inequi-

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 1003.

<sup>22</sup> «A lei tem uma natureza negativa, interdita e sanciona a fim de permitir a vida comunitária. Não tem nenhuma força ontológica, pois ela não cria a comunidade e esta não se extingue com o crime. Pelo contrário, é a regra que cria o desporto, anulando todos os actos que a desrespeitam», VARGAS, Yves, *Sur le sport*, apud QUEVAL, Isabelle, *Le sport – Petit abécédaire philosophique*, Paris, Larousse, 2009, p. 24.

<sup>23</sup> LIMA, Sílvio, *Obras Completas*, op. cit., p. 1003.

<sup>24</sup> *Ibidem*.

vocamente este de qualquer actividade profissional. Não porque ambas actividades sejam radicalmente incompatíveis entre si. Como sublinhámos anteriormente, há entre desporto e trabalho uma íntima conexão recíproca, pois um supõe o outro e, ao mesmo tempo, é-lhe imprescindível. O que está em causa é algo distinto. Sílvio Lima refuta categoricamente a hipótese de estas actividades se confundirem numa só. «O «desportismo profissional» representa a negação intrínseca e a ruína do próprio desporto; socialmente, um perigo ético. O desporto deve ser sempre um *amadorismo*»<sup>25</sup>. Tal não significa que a actividade desportiva dispense uma cada vez maior e mais sofisticada especialização técnica. «A palavra “amador” (de *amare*) significa etimologicamente o que ama. Na boca do vulgo, o amador tomou com o tempo um outro significado: sinónimo de pouco perito ou inexperto, de pouco versado em dado assunto»<sup>26</sup>. Assim, fazer algo como um amador significa, muitas vezes e para o chamado senso comum, não o fazer convenientemente, pois ao amador falta a devida preparação ou competência que se esperaria sempre de um profissional. E, noutras ocasiões, comportar-se como um amador é mesmo entendido como a atitude de quem se não empenha suficientemente na realização de uma determinada tarefa. Assim, ser desportista amador consistiria em não fazer desporto com a necessária seriedade. Não é esta, evidentemente, a perspectiva de Sílvio Lima que sustenta, como dissemos atrás, que «não há autêntico desporto sem ascese», ou seja, sem *esforço volitivo permanente*. Advogar o *amadorismo* no desporto representa, por conseguinte, algo bem diferente. Na verdade, escreve Sílvio Lima: «o *amador* contrapõe-se ao *profissional*; aquele ama gratuitamente (só esse amor é amor) e este visa o interesse material. O *amadorismo* nada tem a ver com a competência técnica, o “savoir-faire” do amador»<sup>27</sup>.

Eis, quanto a nós, o núcleo da argumentação de Sílvio Lima. Ao longo dos tempos, o desporto comercializou-se. Os espectadores, cada vez mais numerosos e exigentes, querem ver os melhores desportistas, pois são irresistivelmente seduzidos pelos «nomes faiscantes dos campeões mundiais». Mas essa sedução, no entender de Sílvio Lima, radica num pressuposto falso. Ao contrário do que muitas vezes se supõe – e é forçoso reconhecer que o sucesso comercial do espectáculo desportivo decorre, em grande parte, desta

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 1093.

<sup>26</sup> *Ibidem*.

<sup>27</sup> *Ibidem*.

ideia errónea – «o jogador (...) é o que joga; o espectador (...) o que olha. O espectador é não raro o *cábula*, ou o *iluso*, do desporto; finge, ou crê sinceramente, que faz parte da grei desportiva»<sup>28</sup>. Por isso, urge distinguir nitidamente desportista e espectador de desporto.

Ao converter-se em espectáculo, quase sempre pago, directa ou indirectamente, pelos espectadores, o desporto profissionalizou-se e essa profissionalização, por sua vez, cresceu exponencialmente à medida que esse *espectarismo* desportivo se desenvolveu e se tornou financeiramente cada vez mais rentável e apetecível. Que devemos entender por *espectarismo*? Sílvia Lima, no capítulo «Desporto, *espectarismo* e atletismo» de *Ensaio sobre o Desporto* (1937), utiliza o conceito *espectarismo*<sup>29</sup> para designar aquele a que hoje é habitual chamar-se o «desportista de bancada». Segundo Sílvia Lima, «muito jovem luso crê-se desportista só porque está sempre presente, como espectador que paga o seu bilhete e dá palmas, a toda e qualquer prova; porque assina revistas gráficas e adquire substanciosos livros; porque soletra de cor, e com genuflexo respeito, os nomes faiscentes dos campeões mundiais. Mas reparemos: o desportista não é espectador; é *actor*. Não está nas bancadas; pisa a arena e anda nos cornos do toiro. Pode-se ser espectador de desporto e não-desportista, até anti-desportista»<sup>30</sup>. Mesmo que o desporto como espectáculo estivesse naquela época ainda bastante longe do que se veio depois a tornar (e o desporto, nos nossos dias, é muitas vezes e cada vez mais um espectáculo condicionado pelos meios de comunicação audio-visual), é impossível ocultar que alguns dos riscos, apontados por Sílvia Lima em relação ao desporto profissional, vieram entretanto a agudizar-se e, por isso, parece tentador acolher como válidas ou até indiscutíveis as teses principais da sua argumentação, sublinhando ao mesmo tempo que o desporto do século XXI de desporto apenas tem o nome.

Por isso, perguntemos: haverá desporto profissional sem espectadores? De que modo se torna o desporto profissional, com os seus custos acrescidos,

<sup>28</sup> *Ibidem*.

<sup>29</sup> Em *Desportismo Profissional* (1939), o autor volta ao assunto de modo mais desenvolvido, mas substitui o termo *espectarismo* por *espectadorismo*. Cf. *Ibidem*, p. 1079. Curiosamente, em artigos com os títulos «Desporto-Espectáculo» e «Desportos por procuração» e publicados em *O Primeiro de Janeiro* no mês de Fevereiro de 1943, o autor retoma o essencial da argumentação expandida nos textos anteriores e recorre de novo ao termo originário *espectarismo*: «Um dos vícios, ou defeitos, do desporto contemporâneo (...) é o chamado *espectarismo* ou *exibicionismo*», LIMA, Sílvia, *Sílvia Lima e o Desporto*, op. cit., p. 203.

<sup>30</sup> LIMA, Sílvia, *Obras Completas*, op. cit., p. 967.

uma actividade financeiramente auto-sustentada sem os recursos que decorrem da sua *venda* como espectáculo, através de bilhetes de acesso aos recintos de jogo ou, como hoje também sucede, através da venda dos direitos de transmissão televisiva, quase sempre associados a fortes campanhas publicitárias? Neste novo contexto, que é hiper-comercializado, o desportista vê-se obrigado a dar espectáculo e, por vezes até, a ganhar, como contrapartida inevitável do rendimento pecuniário que auferir. O espectador compra o bilhete na expectativa de assistir a um espectáculo e, em muitos casos, na esperança, mais ou menos assumida, de que os *seus* jogadores ganhem ou, pelo menos, que façam o possível (e, por vezes até, o... impossível) para derrotar o adversário. No limite, podemos dizer que o adepto pretende, através dos *seus jogadores*, jogar e, sobretudo, ganhar. Não raro se pode ouvir, nos espectáculos de desporto profissional, desabafos semelhantes a este: «Paguei o meu bilhete para *perdermos* desta maneira!». Há uma espécie de *aposta*<sup>31</sup> que, através da compra do bilhete (ou, nos tempos actuais, da assinatura do canal televisivo pago), é feita pelo espectador e que, como qualquer aposta, pode ser *ganha* ou não. Mas o investimento foi feito a pensar na vitória dos *nossos* jogadores ou das *nossas* equipas.

Por outro lado, que consequências decorrem, no entender de Sílvio Lima, da profissionalização do desporto para a própria actividade desportiva? Desde logo, ao submeter a sua actividade ao interesse material, ao profissionalizar-se, «não raro – para vencer – o desportista recorre à corrupção, ao escamoteio, viola deliberadamente o “fair-play”; mercadeja como o subtil Iago, as almas e as consciências»<sup>32</sup>. E, mesmo que o não faça, «passa a usar técnicas apropriadas, treinos orientados não pelo espírito educativo, mas pelo espírito *económico*»<sup>33</sup>. Será esta uma implicação necessariamente perniciosa? No

<sup>31</sup> Por uma questão de espaço, não é possível abordar aqui o modo como o sistema de apostas desportivas condiciona poderosamente o desporto nos nossos dias. É uma questão cuja complexidade não deve, nem pode, desencorajar uma abordagem necessariamente séria e aprofundada. Muito pelo contrário. Tanto mais que o próprio Sílvio Lima, dando o exemplo do boxe americano, alerta para os efeitos perversos de tal sistema, escrevendo: «O boxe fez-se lotaria, roleta, *Monte-Carlo*; cada qual «serve-se» dos jogadores para efectuar uma *especulação*. Há preferências individuais: certos arriscam pelo eleito A, outros pelo eleito B. É um *jogo de bolsa*, e não de desporto, o que ali se desenrola», *Ibidem*, p. 1081.

<sup>32</sup> *Ibidem*, p. 1076.

<sup>33</sup> *Ibidem*. Não descobrimos em nenhum dos textos de Sílvio Lima qualquer referência directa ao problema da dopagem (pelo menos no sentido que hoje damos a este conceito) que, como se sabe, já existia na época. No entanto, muitas das advertências que o professor coimbrão realiza como que prenunciam aquele que é muitas vezes considerado um dos maiores problemas éticos do desporto hodierno.

entender de Sílvio Lima, sim, pois, com a profissionalização, o desporto degrada-se irrecusavelmente, passando a não se distinguir do exibicionismo do espectáculo de circo. Pior: «Vivendo só do desporto mercenário, isto é, sem [ter um prévio] trabalho, o desportista infra-humaniza-se, inferioriza-se até ao baixo plano do animalesco. Que diferença haveria então entre um desportista corredor e um galgo? O clube cuidaria dos “seus” jogadores como um burguês “fermier” cuidaria dos “seus” galgos ou potros; cultivá-los-ia, treiná-los-ia para os exibir periodicamente no estádio; seriam as suas *ferramentas*, as suas *máquinas produtoras de rendimento*. Não pode haver erro mais funesto e degradante para a altiva dignidade humana»<sup>34</sup>. Daí que Sílvio Lima conclua que o desporto profissional constitui a negação do próprio desporto que, como começámos por referir, visa «criar, não o perfeito animal, mas o perfeito *cidadão*, exemplar harmonioso de formosura moral e física».

Não ignorando a pertinência de algumas das teses de Sílvio Lima sobre o desporto e em especial sobre a irreversível tendência, visível já nos anos trinta do século transacto, para que a competição desportiva viesse a adquirir «um tom frenético, alucinador, trepidante»<sup>35</sup>, cumpre-nos lançar, em jeito de conclusão, duas questões:

- a) Será que não existe em qualquer actividade profissional o risco de inferiorizar o trabalhador «até ao baixo plano animalesco» de que fala Sílvio Lima? E, se assim for, não será lícito pensar que tal perigo não existe apenas no desporto profissional, mas em toda e qualquer actividade remunerada?
- b) Não será possível um desportista profissional respeitar e até desenvolver as quatro dimensões que, para Sílvio Lima, definem o *fair-play*, a saber: fidelidade ou respeito pelas regras, apagamento do indivíduo perante o grupo e do grupo perante o jogo, colaboração perante o adversário e esforço volitivo permanente?

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 1079. É decerto provável que algumas vozes de hoje se levantassem contra o que chamariam o antropocentrismo ético de Sílvio Lima, questionando até se será legítima a *utilização* dos galgos e dos potros para fins desportivos e/ou económicos. Mas, de acordo com o humanismo que sustenta a filosofia de Sílvio Lima, o desporto é, acima de tudo, uma actividade com alma, pelo que todo o empenho físico do atleta deve ser norteado por fins, por assim dizer, *espirituais*.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 1076.

Encerraremos o presente estudo, procurando dar uma resposta, necessariamente incompleta e provisória, a estes dois problemas.

#### IV

Embora nunca identifique arte e jogo (de que o desporto é apenas, como já dissemos, uma parte), sublinhando que «o jogo em si mesmo não é artístico nem inartístico»<sup>36</sup>, Sílvio Lima não deixa, ainda assim, de se referir à circunstância de ambas as actividades serem autotélicas, não-utilitárias e livres. E, por isso, dedica às relações que elas mantêm si desporto vários ensaios, dos quais se destaca «Arte e jogo, jogo e arte»<sup>37</sup>. Daí que nos interesse centrar a nossa discussão nas considerações que Sílvio Lima explana acerca da arte profissional, ou melhor, acerca da legitimidade – ou da falta dela – da actividade artística ser pecuniariamente remunerada como qualquer profissão especializada.

Por exemplo, no texto «Serão luxo a ciência e a arte?», publicado logo em 1940, Sílvio Lima parece querer refutar algumas das teses do escritor Émile Zola, designadamente quando, por um lado, este se afirma como um verdadeiro trabalhador e, por outro, quando sustenta que «todo o verdadeiro talento acaba por impor-se ao público»<sup>38</sup>. E, apesar de não concordar com o que chama este «tremendo darwinismo social»<sup>39</sup> de Zola, Sílvio Lima acaba por, de certa forma, condescender e admitir que a actividade do artista – tal como a do cientista, de resto – possa ser remunerada sem que, com isso, a sua essência seja negada. Ou seja, embora o valor das obras de arte não se possa nunca confundir com o seu preço de mercado, é preciso que o artista, tal como o desportista, disponha de um certo desafogo económico que permita a aplicação da sua «energia físico-mental» à criação artística.

Por isso, «o preço das suas obras é um *artifício*, melhor, uma *transigência* dramática entre a necessidade de viver (ou seja o económico) e o valor intrínseco das obras (ou seja o estético...)»<sup>40</sup>. Ao separar estes dois planos, Sílvio Lima visa evitar, ainda assim, que as obras de arte sejam convertidas em

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 1012.

<sup>37</sup> *Ibidem*, pp. 1003-1022.

<sup>38</sup> *Ibidem*, p. 1219.

<sup>39</sup> *Ibidem*.

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 1220.

mera mercadoria. Como libertar, então, o artista dos apertados condicionamentos do mercado? Para o filósofo de Coimbra, «o mecenatismo particular e estadual são actos justos e benéficos para a grei»<sup>41</sup>. O mecenato cultural parece garantir, deste modo, a independência do artista em relação às suas necessidades biológicas de subsistência.

Podemos dizer que, no que concerne à arte, não há diferenças significativas entre as teses de «Serão luxo a ciência e a arte?» e as perspectivas apresentadas em «Arte e jogo, jogo e arte», publicado dois anos antes. Com efeito, neste último ensaio, incluído em *Desporto, Jogo e Arte*, podemos ler que a arte é, de facto, «desinteressada pecuniariamente»<sup>42</sup>, mas, ao mesmo tempo, «da arte pode o artista extrair lucros, réditos»<sup>43</sup>. Ora, em relação ao desporto profissional, nunca Sílvia Lima parece admitir a mesma condescendência que manifesta em relação à profissionalização da arte. Não seria, por exemplo, admissível uma espécie de mecenato desportivo que garantisse aos desportistas que dedicassem à sua actividade toda a sua «energia físico-mental»? Haverá, ainda assim, diferenças entre o estatuto social da arte e do desporto que, no primeiro caso, se justifique «o mecenatismo particular e estadual» e no segundo não?

A verdade é que, quando, em 1943, Sílvia Lima volta a escrever sobre as relações entre trabalho e desporto, num ensaio com o curiosíssimo título «Desportos por procuração», a defesa do *amadorismo* desportivo, na acepção precisa que atrás tentámos elucidar, continua irrevogável. Por isso, podemos ler «a equitação (...) como desporto, é uma coisa, e a corrida de cavalos é outra coisa (esta representa a comercialização da primeira)»<sup>44</sup>. Não há dúvida que, para Sílvia Lima, o espectador do desporto não tem, por assim dizer, a mesma importância do que quem assiste a um espectáculo teatral ou a um concerto de música. Embora haja certas ocasiões em que o desporto assuma uma dimensão estética, a verdade é que, como atrás vimos, «o jogo em si mesmo não é artístico nem inartístico». Este ponto afigura-se-nos fulcral, pois, ao defender a tese de que o desporto não proporciona ao espectador, por si só, uma experiência axiologicamente comparável à da arte, Sílvia Lima parece querer reduzir os benefícios (educativos, políticos, morais e, no limite,

<sup>41</sup> *Ibidem*.

<sup>42</sup> *Ibidem*, p. 1009.

<sup>43</sup> *Ibidem*, p. 1008.

<sup>44</sup> LIMA, Sílvia, *Sílvia Lima e o Desporto*, *op. cit.*, p. 205.

*económicos*) do desporto apenas ao praticante e, por isso, realiza a claríssima distinção entre desportista e o espectador de desporto (que, recorde-se, muitas vezes chega a converter-se em antidesportista). Ora, se o desporto como espectáculo é, quase por completo<sup>45</sup>, condenado e se o profissional do desporto é, também ele, e salvo uma excepção muito precisa<sup>46</sup>, visto como inimigo mortal do próprio desporto, então compreende-se facilmente a posição de Sílvio Lima.

A pergunta que talvez se imponha fazer, neste momento, é se o trabalho profissional, actividade intrinsecamente humana, se revela definitivamente incompatível com o desporto. Claro que muitas das consequências nefastas de que Sílvio Lima falava nos seus ensaios se tornaram ainda mais visíveis no desporto contemporâneo. Mas dever-se-á essa degenerescência do desporto apenas à sua crescente especialização e profissionalização? A verdade é que o trabalho profissional é, muitas vezes, um promotor do desenvolvimento das qualidades humanas, como o próprio Sílvio Lima não deixa de realçar: «O trabalho é *acto humano*, é acto intencional, reflexivo, metódico; mais ainda, é acto *social*, uma conquista ou criação do homem sobre a natureza»<sup>47</sup>. Por outras palavras, o trabalho não implica obrigatoriamente que quem trabalha se inferiorize «até ao baixo plano do animalesco», expressão de que Sílvio Lima se serve, como vimos anteriormente, para caracterizar o desportista profissional. O desportista, se realmente o for, será sempre «não o perfeito animal, mas o perfeito *cidadão*, exemplar harmonioso de formosura moral e física». Por outro lado, qualquer trabalhador profissional pode – sublinho, pode – permitir que o trabalho (ou quem o dirige) o transforme em *ferramentas* ou em *máquinas produtoras de rendimento*. Não estará o desportista profissio-

<sup>45</sup> Apenas na medida em que o espectador for motivado a tornar-se praticante é que os estádios cumprem a sua função essencial: «o estádio deve (...) ser uma verdadeira *escola* de desporto (...). [O seu papel] será mais *exercicional* que *espectacular*, mais dinâmico que estático. Esta predominância da primeira função restringirá os abusos perigosos do espectadorismo.

O espectador não será expulso do tablado, mas será solicitado a abandonar a sua estática postura e a intervir dinamicamente no estádio. Se é moço e real amante do jogo, porque razão há-de o espectador continuar sempre lá no alto, imerso como cegonha em reumatizante quietismo?», LIMA, Sílvio, *Obras Completas, op. cit.*, p. 1081.

<sup>46</sup> «Pergunta-se agora: não pode – em caso algum – o jogador fazer do jogo uma profissão?

Respondo: não pode como jogador, mas pode fazê-lo como *professor* e *treinador de jogo*. Exemplifico: A equitação (...) é um desporto; pois bem, o equitador pode ensinar esta *técnica* (por ex., num instituto) e desse ensino receber o óbolo das suas lições. Não é aqui o desporto que é remunerado, mas o seu *magistério*, o carácter pecuniário do desporto continua a manter-se íntegro», *Ibidem*, p. 1082.

<sup>47</sup> *Ibidem*, p. 1082.

nal em piores condições de respeitar o carácter intrinsecamente livre do desporto pelo facto de depender dos rendimentos que auferem da sua profissão? Talvez, mas nesse caso não estará em condições especialmente distintas das de qualquer outro trabalhador. E se for esse o caso, o trabalho deixa de ser «acto intencional, reflexivo, metódico». E, sobretudo, deixa de ser «conquista ou criação do homem sobre a natureza». Em suma, será que o trabalho, nas modificações que sofreu e está a sofrer na época contemporânea, estará condenado a ser *infra-humanizante*? E se o não estiver, por que motivo será esse necessariamente o destino do desporto profissional?

Eduardo Lourenço, que foi aliás aluno de Sílvio Lima, escreveu um dia: «Basta que haja um só homem que transcenda a classe para que todos os homens sejam susceptíveis de a transcender também. E lá se vai o absoluto da teoria»<sup>48</sup>. Estamos de acordo com esta tese e, por isso, julgamos ser suficiente haver um desportista profissional que, em plena competição, não *queira ganhar a qualquer preço* (e, como é óbvio, aja congruentemente com esse princípio), para que todos os outros o possam fazer também.

Há cerca de quinze anos, ao ler um livro dedicado ao tema do *fair-play*, deparei-me com um curioso relato do então árbitro Vítor Pereira sobre uma acção do tenista profissional Michael Chang: «Jogava uma partida para um qualquer *master*, quando viu o árbitro desse encontro conceder-lhe ponto por uma bola que tinha saído do *court*. De imediato, confessou ao árbitro que a bola tinha roçado na sua raquete, fazendo com que o ponto fosse atribuído ao adversário. Não sabemos se o seu comportamento teria sido o mesmo caso essa situação ocorresse num *match-point*. De todo o modo não deixa de ser um elevadíssimo caso de espírito desportivo»<sup>49</sup>. O relato interessa-nos em si mesmo, mas gostaríamos de sublinhar a referência que, com alguma suspeição, Vítor Pereira faz quando diz: «Não sabemos se o seu comportamento teria sido o mesmo caso essa situação ocorresse num *match-point*». Ou seja, o ponto em causa poderia não ser assim tão decisivo, dado que no ténis, como todos os que seguem esta modalidade sabem, todos os pontos à partida são iguais, mas *há uns que são mais iguais do que outros*. E, se fosse um ponto que determinasse automaticamente a derrota de Chang, seria possível e – Vítor Pereira não o diz

<sup>48</sup> LOURENÇO, Eduardo, *Heterodoxias*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2011, p. 71.

<sup>49</sup> PEREIRA, Vítor, «Alta Competição e Fair Play: realidades antagónicas», AAVV, *Desporto de Alta Competição – Que Fair-Play? Actas do III Seminário Europeu sobre Fair-Play*, Lisboa, Horizonte, 1998, p. 209.

explicitamente, mas... – até natural ou *quase aceitável* que o tenista norte-americano de origem chinesa nada tivesse dito.

Ora, três anos após estas palavras de Vítor Pereira, o tenista profissional Wayne Arthurs, numa competição realizada em Lyon, viveu uma situação rigorosamente idêntica à de Michael Chang e, também ele, informou o árbitro que a bola tocara ligeiramente na sua raqueta<sup>50</sup>. Houve, no entanto, uma pequena diferença. Tratava-se de um *match-point* e, ao agir como agiu, Arthurs acabou por vir a perder um encontro que, caso tivesse permanecido calado, teria ganho sem que mais ninguém se tivesse apercebido da sua falta de *fair-play*.

Que podemos concluir desta situação? É evidente que nem todos os desportistas profissionais se comportam como Wayne Arthurs no *match-point* de Lyon. Mas, parafraseando Eduardo Lourenço, poderemos sempre dizer que basta que haja um só desportista profissional que defenda e promova o *fair-play* para que todos os outros sejam susceptíveis de o defender e o promover também. E, nesse caso também, seremos forçados a aceitar, ao contrário do que defendia Sílvio Lima, que o profissionalismo não significa necessariamente a degradação do desporto e sobretudo da humanidade do desportista.

---

<sup>50</sup> Para uma análise e discussão mais desenvolvida e aprofundada do que chamámos já, em diversas ocasiões, o «caso Wayne Arthurs». Cf. *O Fogo do Espírito – Desporto, Olimpismo e Ética, op. cit.*, pp. 63-69.